

Há muito, "batendo perna por aí", fui descobrindo que podemos ter, além de nossa família biológica, outra formada pelo afeto. Irmãos e irmãs que amamos, exatamente como aqueles outros, que surgiram em nossas vidas, pelo vínculo do regular parentesco.

Considero José Carlos Dias um desses entes queridos, que o afeto me trouxe.

O conheci, quando eu ainda era criança, nos anos 50. Ele e o Lauro, meu irmão mais velho, eram, além de colegas no colégio e, mais tarde, na faculdade de Direito do Largo de São Francisco, grandes amigos. Formaram-se em 1963.

A Isabel, minha irmã número 1, que, lamentavelmente já se foi, também era muito próxima ao José Carlos e mais ainda da Vera Cecília, irmã dele. A Vera visitava, nos últimos tempos, minha irmã, já muito doente, praticamente todos os dias.

2

Lembro-me dos pais do José Carlos, que propiciaram à Isabel uma longa e maravilhosa viagem para a Europa, na companhia da família, no início dos anos 50.

Do desembargador Theodomiro Dias, pai do José Carlos, que presidiu este Tribunal, por quem meu pai nutria um carinho imenso e um respeito maior ainda, eu, muito pequeno, tinha medo. Eu o achava muito bravo... Eu fugia dele, para a aflição do meu pai. De dona Cecília, mãe do nosso homenageado, eu me aproximava, achando que era mais uma de minhas avós.

José Carlos Dias, um modelo para mim.

Eu estava no ginásio, quando deu-se o golpe militar, em 1964. A partir daí, passei a acompanhar a corajosa atuação do jovem advogado criminal, desde a sua rápida detenção, durante uma das marchas "pela família com Deus, pela liberdade". Atuou com um zelo imenso em defesa de

um sem número de perseguidos políticos. Ameaçado quase sempre, não pactuava com o medo. Exclusivamente por sua atividade profissional, contrariando os interesses da ditadura, chegou a ficar preso, um ou dois dias no DOPS. Fiquei lá, por horas, com uma montanha de advogados, entre os quais, bem me lembro, do Mário Sérgio Duarte Garcia e do Arnaldo, meu primo, exigindo sua imediata libertação.

Formei-me 10 anos depois dele, em 1973. Nessa época, ele, conselheiro da OAB, passou a me nomear curador de advogados, que não se defendiam na comissão de ética e disciplina, enchendo-me de orgulho. Levava a sério as defesas daqueles colegas. Acho que consegui livrar um ou outro, de uma penalidade maior.

Advogado exemplar, ético, corajoso, extremamente culto, levou para excelentes caminhos profissionais, muitos que, pelo seu

escritório passaram, entre os quais meu querido e agora saudoso primo Arnaldo Malheiros Filho.

Chegamos a conviver um pouco na Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, que ele presidiu, logo após a primeira gestão, do professor Dalmo de Abreu Dallari, tudo sob a supervisão do inesquecível Dom Paulo Evaristo Arns. Assim foi até 1982, quando se tornou Secretário da Justiça. Lá, por sua solidária e corajosa atuação, principalmente em prol da humanização do nosso terrível sistema carcerário, ganhou novos inimigos. Atacando um deles, em defesa do José Carlos, arrisquei um artigo, que intitulei "As serpentes negras e as lombrigas pardas". Nessa época, com o Luiz Francisco Carvalho Filho, colega de escritório do José Carlos, hoje seu sócio, de quem sou leitor semanal, passei a compor uma comissão de estudos sobre o manicômio judiciário. Lá fomos várias vezes. "Uma coisa de louco...".

Ministro da Justiça exemplar, com uma atuação política inatacável. Hoje, com mais alguns como ele, estaríamos em um momento melhor.

Participou da Comissão da Verdade com brilhantismo.

Encontro, de vez em quando, com o Carlos Dias Mota, seu sobrinho, que abrilhanta o segundo grau deste Tribunal.

Obrigado José Carlos, pelo que você fez e continua fazendo por São Paulo e pelo Brasil.

Obrigado José Carlos, pela sua contínua luta pelo estado democrático de direito.

Obrigado José Carlos por fazer nosso Judiciário melhor, trazendo para cá sua ética e culta atuação como advogado.

Obrigado José Carlos, pela liberdade, que trouxe para tanta gente.

Obrigado José Carlos por ter aguentado firme, quando era fácil desistir.

Obrigado José Carlos pelo Theo e pela Marina, brilhantes defensores do direito de defesa.

E a "advertência", poema do Paulo Bonfim, que, para o meu ciúme, foi o mentor intelectual dessa justíssima homenagem, bem que poderia ser lançada por você, José Carlos, por que não lhe falta autoridade para isso, diante de sua vida exemplar, além de ser, você também, um poeta.

"Ai daqueles que brincam com . esperança de um povo.

Ai daqueles que se banqueteam junto à fome de seus irmãos.

Ai daqueles que são fúteis, numa hora grave, indiferentes num momento definitivo.

Ai daqueles que corrompem, para tirar proveito da corrupção, que envenenam o mundo pela volúpia de caminhar impunemente entre ruínas.

Ai daqueles que fazem da mentira a verdade de suas vidas.

Ai daqueles que usam os simples como degraus de sua vaidade e instrumentos de sua ambição.

Ai daqueles que fabricam, com a violência, a trama do medo.

Ai daqueles que roubam ao próximo a alegria de existir.

Ai daqueles que usam dinheiro e o poder para prostituir, humilhar e deformar.

Ai daqueles que se atordoam, para fugir das próprias responsabilidades.

Ai daqueles que traficam a terra de seus mortos, enxovalham tradições e traem compromissos com o presente e com o futuro.

Ai daqueles que se fazem de fracos no instante da tempestade.

Ai daqueles que se acomodam a tudo, que se resignam a tudo, que se entregam sem lutar.

Ai daqueles que loteiam seus corações, alugam suas consciências, transacionam com a honra, especulam com o bem, açambarcam a felicidade alheia e erguem virtudes falsas sobre pântanos.

Ai daqueles que concordam em morrer vivos".

Salve José Carlos Dias!